



## O PRECONCEITO NO COTIDIANO E O PENSAMENTO ABISSAL: QUAIS AS REFERÊNCIAS CARTOGRÁFICAS QUANDO A MÍDIA FALA EM DADOS E TECNOLOGIA<sup>1</sup>

Giulia Romanelli<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste artigo, temos os objetivos de relacionar o pensamento abissal, de Boaventura de Souza Santos (2010) à teoria de que o preconceito está fundado no cotidiano, de Agnes Heller (1970), na formação discursiva da matéria veiculada no jornal El País “Tik Tok, o app chinês na mira dos EUA, é um perigo para o Ocidente?”, veiculada em agosto de 2020. A partir disso, discutimos também as noções de tecnologia da informação e posse de dados no contexto da disputa comercial e simbólica pela hegemonia mundial, entre Estados Unidos e China, no qual o primeiro apresenta uma estratégia de disseminação de um sentimento anti-China, para se blindar da ameaça de perda de poder, aparentemente apoiada pela mídia e pela maneira que esta reporta a informação, refletindo também sobre o papel da mídia como formadora de opinião, a partir de Douglas Kellner (2001).

**PALAVRAS-CHAVE:** *Comunicação. Mídia. Preconceito. Dados. Tik Tok.*

**ABSTRACT:** In this article, we aim to relate abyssal thinking, by Boaventura de Souza Santos (2010) to the theory that prejudice is based on everyday life, by Agnes Heller (1970), in the discursive formation of the article published in the newspaper El País “Is Tik Tok, the Chinese app targeted by the US, a danger to the West?”, aired in August 2020. We also discuss the notions of information technology and data ownership in the context of the commercial and symbolic dispute for hegemony world, between the United States and China, in which the former presents a strategy of disseminating an anti-China sentiment, to shield itself from the threat of loss of power, apparently supported by the media and by the way it reports information, also reflecting on the role of the media as an opinion maker, based on Douglas Kellner (2001).

**KEYWORDS:** *Communication. Media. Data. Prejudice. Tik Tok.*

<sup>1</sup> Artigo também submetido ao GP Comunicação, Mídias e Liberdade de Expressão, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Publicitária, Mestranda em Comunicação e Práticas do Consumo, pela instituição ESPM - São Paulo. Pesquisadora no grupo CICO - Comunicação, Consumo e Identidade. E-mail: gromanelli@gmail.com

---

**Revista ALTERJOR**

Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo (ECA-USP)

Ano 13 - Volume 01 - Edição 27 - Janeiro-Junho de 2023

Av. Professor Lúcio Martins Rodrigues, 443, Cidade Universitária, São Paulo, CEP: 05508-020

## **DISTÂNCIAS E DISTINÇÕES**

"É o conhecimento vivo que conduz a grande aventura da descoberta do universo, da vida, do homem", diz Edgar Morin (2005, p. 15), referindo-se ao fazer e ao saber científico, especificamente no campo das ciências humanas. O conhecimento a respeito da vida e do homem, requer a integração de saberes, de históricos e de contextos, cabendo à ciência geri-los, organizá-los e codificá-los. Tratando-se de reflexões que dizem respeito ao homem pós-moderno, é inegável o nível de complexidade que esse processo exige, dado o contexto global, tecnológico e midiático, em que esse sujeito passa a ter contato com diversos símbolos e diferentes culturas e informações, reproduzindo, assim, uma exponencialidade de ressignificações, desejos e manifestações. Ainda no âmbito do contexto pós-moderno, os sujeitos passam a entrar em contato, com maior frequência, com culturas e pensamentos completamente diferentes dos quais conviveram até então. E, de certa maneira, para compreender o mundo, fez-se a necessidade de categorizá-lo e dividi-lo.

Retomando o "conhecimento vivo" ao qual Morin se refere na citação inicial, podemos fazer uma alusão à "vida cotidiana", que Agnes Heller (1970, p. 29) afirma ser "a vida de *todo* homem". O cotidiano, em Heller, é o espaço em que o indivíduo coloca em prática todo o seu interior: "nela [na vida cotidiana] colocam-se 'em funcionamento' todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias e ideologias" (HELLER, 1970, p. 29). Portanto, é na cotidianidade que o ser humano produz o conhecimento vivo, em função de si mesmo.

Dessa forma, é nessa esfera que o indivíduo aprende a categorizar o mundo para compreendê-lo, replicando modelos de comportamento que observa nos grupos sociais em que está inserido desde a infância, e que funcionam como mediações entre indivíduos e costumes (HELLER, 1970). Nesse processo de aprendizado, ocorre o que Heller (1970, p. 50) chama de "ultrageneralização", que é característica da vida comum. É a maneira pela qual os indivíduos fazem associações para entender como se portar em determinadas situações - associações essas que são feitas a partir da categorização.

É assim, por exemplo, que se recorre à analogia. É através dela que, principalmente, funciona o nosso conhecimento cotidiano do homem, sem o qual não poderíamos sequer nos orientar; classificamos em algum tipo já conhecido por experiência o homem que agora queremos conhecer sob algum aspecto importante para nós e essa classificação por tipos permite nossa orientação. (HELLER, 1970 p. 51)

É a partir desse mecanismo de aprendizado na vida cotidiana que os preconceitos são instaurados no, e por meio do, convívio social - sendo, também, ultrageneralização associativa. Simplificando, os preconceitos nada mais são do que indicadores simbólicos que moldam uma atitude. Eles nascem na vida cotidiana e a permeiam, encontrando outras faces do conhecimento - como a política e a ciência - e vindo também desses polos, já que os saberes humanos, o “conhecimento vivo”, não escapa do cotidiano em si.

Portanto, é no cotidiano que se pode observar a reprodução simbólica deste preconceito e a reverberação de saberes que o carregam, fazendo com que ele faça parte do processo cognitivo dos indivíduos. Para Boaventura de Souza Santos (2010, p. 40), "a injustiça global está intimamente ligada à injustiça cognitiva global. A luta exige um pensamento pós-abissal". Ainda segundo Boaventura (2010, p.31), "[o pensamento moderno abissal] consiste em um sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que as invisíveis fundamentam as visíveis", ou seja, é uma maneira de pensar o mundo e o globo a partir da diferenciação, da separação e do afastamento - o que podemos relacionar, novamente, com a categorização e a “ultrageneralização”, de Heller.

De acordo com Boaventura (2010, p. 33), todo pensamento moderno é abissal por definição, e "salienta-se pela sua capacidade de produzir e radicalizar distinções". Dessa maneira, ele também funda a impossibilidade de co-presença de ambos os lados das linhas, visíveis e invisíveis, que são base da categorização do pensamento moderno. Apesar de Boaventura se referir aos polos norte e sul do globo, embasando sua teoria na colonização dos países latino-americanos pelos europeus, podemos usar essa reflexão para analisar outros polos opostos, como veremos adiante. Afinal, de acordo com o autor, o pensamento abissal acontece independente de seu lugar geográfico, onde até

mesmo uma localidade colonizada pode contar com indivíduos e sistemas de pensamentos colonizadores.

Assim, percebemos como o termo “injustiça cognitiva” de Boaventura, enraizado na distinção e no pensamento abissal, está relacionado ao “conhecimento vivo”, produzido no cotidiano. Neste artigo, além de propomos uma reflexão a respeito das ideologias fundadas e fundantes de preconceitos e do pensamento abissal, analisamos também como a mídia interpreta e reporta essas ideologias, que são os saberes sociais do “cotidiano” que permitem com que a mensagem seja veiculada da maneira que é veiculada, e como ela também influencia no pensamento e na formação de opiniões dos indivíduos. Segundo Douglas Kellner (2001, p.10), “Numa cultura contemporânea dominada pela mídia, os meios dominantes de informação e entretenimento são uma fonte profunda [...] de pedagogia cultural: contribuem para nos ensinar como nos comportar e o que pensar e sentir”. É claro que precisamos levar em conta o papel do receptor na interpretação e significação dessas mensagens, mas essa fala é um bom ponto de partida para compreender as razões pelas quais a mídia diz o que diz, da maneira que diz.

Para melhor observar como a relação dos conceitos apresentados acima se refletem na mídia, faremos uma breve análise de discurso de uma matéria do jornal El País, veiculada no dia 20 de agosto de 2020<sup>3</sup>, a respeito da rede social de origem chinesa, Tik Tok. O que chama atenção na matéria, a começar pelo título, é a apresentação de uma distinção clara entre os polos e as divisões globais para embasar a discussão: “Tik Tok, o app chinês na mira dos EUA, é um perigo para o Ocidente?”. Além do claro pensamento abissal representado por esse título – que separa e afasta o Ocidente do Oriente – vemos também a representação da guerra comercial e tecnológica entre China e Estados Unidos.

A matéria trata de algumas falhas de segurança que o governo americano alegou ter encontrado no aplicativo – sem provas - e, por esse motivo, seguiu com uma

---

<sup>3</sup> Link da matéria: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-04/tiktok-o-app-chines-na-mira-dos-eua-e-um-perigo-para-o-ocidente.html> ; Acesso em 3 de junho de 2021

tentativa de proibição de seu uso em território estadunidense<sup>4</sup>. Aliada a essa situação, a Microsoft – empresa americana - declarou o interesse e a tentativa de compra do aplicativo da empresa chinesa ByteDance. A própria matéria apresenta argumentos para uma atenção maior ao uso do aplicativo por parte dos usuários, a partir dos quais o discurso dá a entender que apoiaria a intenção de proibição pelo presidente Donald Trump, sendo eles: 1. “As falhas de segurança” – que não foram comprovadas<sup>5</sup>; 2. “A privacidade, como todas [as outras redes sociais]” – em que a própria matéria assume que a polêmica da privacidade dos dados não se restringe apenas ao Tik Tok, mas “a todas”, como o Instagram e o Facebook – de origem americana; 3. “A novidade da geopolítica” – introduzindo que, o que pauta a discussão e esse afastamento entre Ocidente e Oriente, também faz parte de uma discussão geopolítica sobre a batalha pela hegemonia global.

E o cenário dessa disputa se agrava ainda mais quando estamos falando sobre tecnologia da informação. De acordo com Evgeny Mozorov (2018, p. 5),

[...] as nossas tecnologias - e as ideologias que elas promovem - são, em grande medida, norte-americanas. É bem verdade que as empresas de tecnologia russas e chinesas têm fortalecido cada vez mais a sua musculatura, tanto em casa como no exterior. Não há como negar, porém, que o governo desses países se impõe ao imperialismo de Washington [...]. O que eles mais temem é o uso geopolítico das plataformas estrangeiras de tecnologia contra seus interesses nacionais.

Esses interesses nacionais que Mozorov comenta dizem respeito a diversos fatores, mas o que nos interessa refletir nesta análise da mensagem transmitida pela reportagem, do ponto de vista comunicacional é, em primeiro plano, os interesses simbólicos de distinção, pelos quais os Estados Unidos, em sua posição de hegemonia global, assume uma postura de superioridade, por meio do pensamento abissal; e, em

---

<sup>4</sup> Apesar da tentativa do presidente Donald Trump de proibir o uso do aplicativo Tik Tok nos Estados Unidos, a Justiça estadunidense barrou essa decisão, pela não apresentação de provas de fraude das informações. Fonte: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2020/11/13/governo-dos-eua-recorre-de-decisao-que-impede-proibicao-do-tiktok.ghtml> ; Acesso em 5 de junho de 2021

<sup>5</sup> Segundo matéria do jornal G1, divulgada em 13 de dezembro de 2020, a proibição do uso do Tik Tok nos Estados Unidos não foi aprovada pela Justiça, justamente pelo fato do ex presidente Donald Trump não ter apresentado provas de que havia, de fato, falhas de segurança no aplicativo. Fonte: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2020/11/13/governo-dos-eua-recorre-de-decisao-que-impede-proibicao-do-tiktok.ghtml> ; Acesso em 5 de junho de 2021

segundo plano, o uso econômico desses dados, que, organizados, refletem o comportamento dos usuários de redes sociais, que são informações valiosíssimas para empresas nacionais, transformados em mercadoria. Ainda citando Mozorov (2018, p. 21), “dependendo de quem contempla a imagem [dos dados dispostos na internet], de qual é sua agenda política e ideológica, podem variar muito as lições que dali são extraídas.” Ou seja, o fluxo das informações que circulam pelos aplicativos, retidas por instituições privadas, reforçam valores ideológicos e políticos, vinculados ao Estado, tanto de maneira financeira, como através de uma representação simbólica de superioridade frente a outras nações.

Com base nisso, neste artigo discutimos como o preconceito fundado no cotidiano – conforme conceituado por Agnes Heller (1970) – e o pensamento abissal – conceito de Boaventura de Souza Santos (2012) – se relacionam à guerra simbólica e comercial entre a China e os Estados Unidos. A partir disso, refletiremos também quais são as referências cartográficas quando a mídia aborda o tema, reportando o “perigo” de ceder dados ao Tik Tok.

## **O PENSAMENTO ABISSAL FUNDADO NO PRECONCEITO**

Apresentadas as definições de pensamento abissal, de Boaventura (2010) e da conceituação de Agnes Heller (1970) sobre o preconceito e seu fundamento no cotidiano, passamos à reflexão proposta, relacionando essas duas ideias. Utilizando, ainda, o mecanismo de associação através da ultrageneralização, podemos refletir sobre como o pensamento abissal pode ser entendido como um exemplo dessa associação.

Boaventura nos ajuda a refletir sobre a maneira pela qual o pensamento abissal tornou-se presente de maneira estrutural na sociedade, como um elemento fundante do pensamento moderno – em relação às posturas políticas e econômicas estatais, mas, especialmente, no imaginário dos indivíduos. Um pensamento que primeiro faz uma distinção entre polos globais, em seguida os afasta, e depois instaura nos indivíduos um sentimento de menosprezo. O pensamento abissal cria uma aversão e um medo em

relação ao desconhecido – o que se agrava ainda mais quando se fala sobre o incógnito mundo tecnológico.

Boaventura (2010) relaciona o pensamento abissal à colonização dos países latino-americanos pelos europeus, momento em que o conceito se concretiza. Provavelmente, a primeira linha global moderna foi o Tratado de Tordesilhas (1494), acordo assinado por Portugal e Espanha para dividir as terras a serem “descobertas” (e exploradas) mar afora do continente europeu. Este acordo representa a transformação de nações, culturas e pessoas em posse. E é demarcado pela distinção entre os europeus e os “outros”, os colonizadores e os colonizados, os acobertados pela lei e os “sem lei”. Além da diferenciação, esse afastamento está atrelado a um sentimento de superioridade simbólica – pelo sentimento de supremacia cultural, a partir do qual os colonizadores seriam detentores de todo conhecimento e verdade, o que implicou também em uma vantagem econômica.

Apesar de ter sido concretizado no início da modernidade, o pensamento abissal está presente até hoje, de maneira estrutural na ‘vida cotidiana’, conduzindo esta reflexão ao termo que Heller (1970, p. 61) usa para denominar o resultado do processo de ultrageneralização, os “juízos provisórios”, que são os saberes que se toma com base para adotar determinado comportamento, em determinada situação. No cotidiano, os juízos provisórios operam nos hábitos, no agrupamento de informações para o aprendizado e não são, necessariamente, pejorativos. Por exemplo, costuma-se cumprimentar de volta quem diz “bom dia”, através de um mecanismo de repetição, ou imitação. No entanto, esse mecanismo pode explicar também a maneira pela qual o preconceito está engendrado na cognição cotidiana, sendo formado pelas referências que definem o que é o “bom” e “mau”; “certo” e “errado”; “seguro” e “perigoso”, sendo este último o termo que a matéria já citada usa para questionar a confiabilidade do aplicativo Tik Tok. Tomando como exemplo esta matéria jornalística, um formato midiático caracterizado por ser consumido diariamente - especialmente se veiculada na internet, pela capacidade de alcançar mais pessoas e de estar presente no ‘cotidiano’ -, podemos refletir sobre como a “ultrageneralização”, fundada na cognição, influencia na formação da opinião dos indivíduos através de hábitos e referências recorrentes.

Para Kellner (2001, p. 9), a mídia “ajuda a urdir o tecido cotidiano [...], modelando opiniões políticas e comportamentos sociais”, ou seja, é uma grandiosa referência, influenciando na cognição e na formação dos pensamentos, dos “juízos provisórios”. Recorrendo novamente a Boaventura (2010), é possível fazer uma alusão ao pensamento abissal ao que Kellner (2001, p.9) afirma ser possíveis consequências das influências midiáticas, a distinção entre o “eu” e o “outro”:

A cultura da mídia também fornece o material com que muitas pessoas constroem o seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de ‘nós’ e ‘eles’. Ajuda a modelar a visão prevalecente e os valores mais profundos: define o que é considerado bom ou mau, positivo ou negativo, moral ou imoral

Portanto, o preconceito fundado no cotidiano tanto alimenta as pautas midiáticas, uma vez que estas refletem aquilo que é discutido enquanto sociedade, como também retroalimentam essas discussões, servindo como molde para embasar opiniões e posicionamentos. Se a ciência, a política e matérias jornalística, de maneira simplificada, organizam os saberes que são produzidos e produzem os sujeitos – que são o “conhecimento vivo” -, e estes sujeitos podem estar em contato com um dado imaginário que molda suas estruturas cognitivas, é claro que terão como consequência o que esses indivíduos reverberam no sentido do conhecimento

Observando o conteúdo da matéria em si, refletimos sobre uma das razões pelas quais seria interessante para o veículo midiático reforçar este posicionamento. Para Heller (1970), apesar dos preconceitos serem juízos provisórios falsos que a sociedade produz, à medida que os indivíduos vão sendo ensinados a moldar suas relações sociais, eles não são corrigidos, uma vez que promovem êxito social. É o que Heller (1970, p. 62) nomeia de conformismo: "na maioria dos casos, é precisamente a assimilação dessas normas que lhe garante o êxito”, ou seja, agir conforme o esperado promove sucesso social. "Crer em preconceitos é cômodo, porque nos protege de conflitos, porque confirma nossas ações anteriores" (HELLER, 1970, p. 65): é confortável assumir e permanecer em uma posição de privilégio. Isso poderia ser uma das explicações do porquê o El Pais reforçaria o sentimento anti-China, que é decorrente do pensamento

abissal, pela maneira que redige o título de sua reportagem e pela escolha de palavras e de argumentos que atribuem sentido ao ocorrido, como veremos adiante. Se a sociedade ocidental é preconceituosa em relação ao oriente, embasada por um pensamento abissal de distanciamento, superioridade e medo do desconhecido, há mais chances de que a ciência, a política – e as matérias de jornal – reproduzam isso, já que elas adquirem sentido na esfera do cotidiano. E essa lógica também é verdadeira no caminho contrário: o indivíduo que é preconceituoso e propaga esses significados com alta frequência em sua vida cotidiana, também se apropria da ciência e da política para justificar seu comportamento, para não deixar sua posição de conforto.

### **A GUERRA SIMBÓLICA-COMERCIAL**

“Ora, hoje vivemos uma época de mundialização, todos os nossos grandes problemas deixaram de ser particulares para se tornar mundiais” (MORIN, 2003, p. 31). É a partir dessa fala de Morin, que passamos de um plano individual de como o preconceito é reproduzido pelo imaginário dos sujeitos, para uma discussão global: quais os princípios fundantes deste preconceito – especificamente do Ocidente em relação ao Oriente; dos Estados Unidos em relação à China, já nos aproximando do objeto de estudo deste artigo.

Como vimos anteriormente, o preconceito é mantido na sociedade em função de um estado de conformismo, que mantém o êxito social daquele que o reproduz. Relacionando esse raciocínio ao nível global, é a primeira vez, em 150 anos, que os Estados Unidos correm o risco de perder o posto de maior economia do mundo. E para a China, um país de princípios ideológicos exatamente opostos à democracia americana. Claudia Trevisan, especialista do Instituto de Política Externa da Escola de Estudos Internacionais Avançados da Universidade Johns Hopkins, diz que a China deve se tornar a maior economia global em 2030, superando os Estados Unidos<sup>6</sup>. Os Estados Unidos vivem, portanto, uma ameaça a sua hegemonia, implicando na necessidade da política norte-americana buscar alguma forma de conter o crescimento chinês, na forte

---

<sup>6</sup> Fonte: [https://www.ufrgs.br/nebrics/o-que-esta-por-tras-das-tensoes-entre-os-estados-unidos-da-america-e-a-china-uma-analise-para-alem-da-guerra-comercial/#\\_ftn17](https://www.ufrgs.br/nebrics/o-que-esta-por-tras-das-tensoes-entre-os-estados-unidos-da-america-e-a-china-uma-analise-para-alem-da-guerra-comercial/#_ftn17) ; Acesso em 6 de junho de 2020

tentativa de manter seu status como maior fenômeno político, militar e econômico, segundo Samuel Pinheiro Guimarães, secretário Geral do Itamaraty (2003-2009) e ministro de Assuntos Estratégicos (2009-2010)<sup>7</sup>.

O conceito gramsciano de hegemonia nos diz que “numa relação hegemônica, expressa-se sempre uma prioridade da vontade geral sobre a vontade singular, ou, em outras palavras, do interesse comum sobre o interesse privado” (COUTINHO, 1999), porém, para fins da reflexão em curso, trazemos o termo “hegemonia” nas palavras de Guimarães (2020), de forma a melhor nos aproximarmos do interesse deste artigo:

hegemonia [...] a capacidade de elaborar, divulgar e fazer aceitar pela maioria dos Estados uma visão do mundo em que o país hegemônico é o centro; de organizar a produção, o comércio e as finanças mundiais [...]; a capacidade de impor a “agenda” da política internacional; de ter a força para punir os governos das “Províncias” do Império que se recusem a aceitar ou se desviem das regras (informais) de seu funcionamento.<sup>8</sup>

Essa visão centralizadora pode ser explicada pelos fatores que embasam a distinção e o afastamento entre nações envolvidas – a nível de status e superioridade econômica. Dessa forma, não é à toa que a estratégia do ex-presidente estadunidense, Donald Trump, era expor a China como principal adversária de duas maneiras – economicamente, através do aumento de impostos e desincentivo à importação de produtos chineses; e simbolicamente – declarando-a publicamente como inimiga, perpetuando entre os cidadãos um sentimento “anti-China”, através de falas como a de que os imigrantes chineses estariam roubando seus empregos no território norte-americano<sup>9</sup>.

À medida em que o crescimento econômico chinês ganha notoriedade, a preocupação estadunidense, especialmente no que diz respeito à tecnologia e posse de dados, aumenta. Isso porque, para MOZOROV (2018), eles representam uma

---

<sup>7</sup> Fonte: [https://www.ufrgs.br/nebrics/o-que-esta-por-tras-das-tensoes-entre-os-estados-unidos-da-america-e-a-china-uma-analise-para-alem-da-guerra-comercial/#\\_ftn8](https://www.ufrgs.br/nebrics/o-que-esta-por-tras-das-tensoes-entre-os-estados-unidos-da-america-e-a-china-uma-analise-para-alem-da-guerra-comercial/#_ftn8); Acesso em 6 de junho de 2020

<sup>8</sup> Fonte: [https://www.ufrgs.br/nebrics/o-que-esta-por-tras-das-tensoes-entre-os-estados-unidos-da-america-e-a-china-uma-analise-para-alem-da-guerra-comercial/#\\_ftn17](https://www.ufrgs.br/nebrics/o-que-esta-por-tras-das-tensoes-entre-os-estados-unidos-da-america-e-a-china-uma-analise-para-alem-da-guerra-comercial/#_ftn17) ; Acesso em 6 de junho de 2020

<sup>9</sup> Fonte: <https://www.opecu.org.br/2020/05/21/retorica-anti-china-de-trump-e-sua-tendencia-de-continuidade-em-2020/> ; Acesso em 6 de junho de 2021

gigantesca possibilidade de monetização. É dessa maneira que a guerra comercial entre os países se torna, também, uma guerra simbólica pela cultura dominante: instigando, nos indivíduos, a sensação de necessidade de afastamento por meio, por exemplo, do medo ou da insegurança de utilizar o aplicativo. E é pela lente desta preocupação em relação à posse dos dados dos usuários do aplicativo, que leva o governo estadunidense a propagar o sentimento anti-China, não apenas entre cidadãos norte-americanos, mas que também pode ser ampliado para o Ocidente, conforme desenvolvido na matéria sobre a tentativa de proibição do Tik Tok.

## O DISCURSO ANTI-CHINA NA MÍDIA

Para aterrissar o assunto no campo da comunicação de maneira mais prática, faremos uma breve análise de discurso da matéria ilustrada pela Figura 1, para entender como os conceitos discutidos acima se refletem na mídia, e para mostrar como as condições contextuais da disputa entre China e Estados Unidos induzem a maneira que este discurso é articulado por um veículo ocidental.

84

### **Figura 1 – Impressão de tela da manchete da matéria do jornal El País, veiculada em 20 de agosto de 2020<sup>10</sup>**

#### **TikTok, o app chinês na mira dos EUA, é um perigo para o Ocidente?**

Geopolítica, privacidade e falhas de segurança motivam campanha contra o aplicativo chinês. Microsoft confirma intenção de comprar a plataforma depois de conversas com Donald Trump

Tomamos como base a colocação de Michel Pêcheux, segundo a qual o discurso é representativo de uma ideologia,

[...] próprio de toda formação discursiva dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso, que determina essa formação discursiva como tal, objetividade material essa que reside no fato de que ‘algo fala’ (ça parle) sempre ‘antes, em outro lugar e independentemente’, isto é, sob

<sup>10</sup> Fonte: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-04/tiktok-o-app-chines-na-mira-dos-eua-e-um-perigo-para-o-ocidente.html> ; Acesso em 3 de junho de 2021

a dominação do complexo das formações ideológicas (PÊCHEUX, 1995, p. 162).

Ou seja, antes da ‘fala’ – ou, neste caso, do enunciado da matéria jornalística – há uma série de saberes que embasam o motivo pelo qual o assunto está sendo tratado desta forma (que veremos adiante) e neste tempo histórico (um momento de ameaça hegemônica dos Estados Unidos pela China, que foi tratado anteriormente). Dessa maneira, uma formação discursiva traz consigo uma perspectiva dos saberes que regem a sociedade no momento em que ele é veiculado, e como os indivíduos incorporam este conhecimento em seus próprios ideais. Através dessa matéria, podemos entender o que existe por trás de um enunciado social, e qual é o contexto em que essas ideias adquirem significados. Pêcheux (1988, p. 160) diz que

*as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas [...] nas quais essas posições se inscrevem. Chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada [...] determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.). (grifos do autor)*

85

Portanto, tomando como base o papel da mídia para Kellner (2001) de refletir (e reforçar) os saberes sociais em questão, podendo, assim, moldar os ideais daquele contexto social, analisaremos a matéria do El País proposta, utilizando o embasamento metodológico de Eni Orlandi (2001), que propõe: a identificação dos enunciados que compõem a formação discursiva – o que é dito na superfície linguística, identificado na Tabela 1; a passagem do objeto discursivo para formação discursiva – que, para Pêcheux (1998) é a maneira pela qual a linguagem adquire sentido, relacionando símbolos do texto com ideologias; e a identificação do processo discursivo para a formação ideológica - a razão pela qual o enunciante diz o que diz, onde refletiremos o papel da mídia em Douglas Kellner (2001).

Na tabela abaixo, identificamos as frases em que *Tik Tok* ocupa a posição central da frase, e a palavra que se refere a ele na frase, identificando o que é dito na superfície linguística, para análise posterior das significações construídas pela matéria.

**Tabela 1 – identificação de palavras relacionados ao Tik Tok na matéria analisada, quando este é o sujeito da frase**

Palavra que se refere ao Tik Tok	Frase completa
Perigo	<b>TikTok</b> , o app chinês na mira dos EUA, é um perigo para o Ocidente?
Causa (seu enorme sucesso)	Todo <b>este medo do TikTok</b> tem uma causa original óbvia: seu enorme sucesso.
Mistura sofisticada	<b>O TikTok</b> é uma mistura sofisticada das Videocassetadas com o The Voice.
Palavra (China)	O outro <b>grande problema do TikTok</b> está em uma só palavra: China
Empresa chinesa Bytedance	<b>O TikTok</b> pertence à empresa chinesa Bytedance, que tem feito esforços para se distanciar do seu país.
Dados	Depois da chegada do novo sistema operacional da Apple, detectou-se que <b>o TikTok capturava os dados</b> que os usuários tinham copiado para depois colar em algum lugar. “Os aplicativos são código, e todo código tem furos de segurança, é inevitável”, diz Marta Beltrán, diretora da graduação de Engenharia em Segurança Cibernética da Universidade Rei Juan Carlos, de Madri.
Dados	Todas as redes sociais vivem de tirar dados dos usuários. <b>O TikTok, também.</b>
500 kilobytes de informação	Uma recente investigação do jornal The Washington Post concluiu que <b>o TikTok manda 500 kilobytes de informação</b> a seus servidores num intervalo de nove segundos após ser aberto. É muito, mas continua sendo comparável ao que fazem aplicativos que estão há anos em nossos celulares.
Vantagem de sua posição	Mas há dois modos pelos quais <b>o TikTok pode influenciar ou tirar vantagem de sua posição em benefício da segurança nacional chinesa.</b>
Polêmicas	<b>O TikTok já viveu polêmicas</b> por suprimir vídeos e hashtags em favor dos uigures, a minoria muçulmana oprimida na província de Xinjiang, no noroeste da China.
Leilões de anúncios	Devemos recordar que <b>o TikTok, como outros aplicativos, autoriza leilões de anúncios em tempo real.</b>

(elaborado pela autora)

A partir da identificação dessas palavras, analisaremos em seguida como elas se relacionam, interpretando o significado que trazem ao texto, ou seja, a formação discursiva que remetem aos conceitos de pensamento abissal e do preconceito fundado no cotidiano discutidos anteriormente.

Vemos logo pelo título que a matéria tem o objetivo de confirmar uma hipótese: a de que o Tik Tok seria um perigo para o Ocidente. A atribuição da palavra “perigo” demonstra uma clara relação ao pensamento abissal (SANTOS, 2010), que, além de fazer uma distinção entre Oriente e Ocidente, torna o desconhecido perigoso. E faz essa relação através de um discurso a respeito da posse de dados, os quais, como vimos, para Mozorov (2018), representam uma grande forma de poder, dependendo do Estado ou da

empresa que os possuem, podendo conhecer a fundo e controlar os usuários. Isso, poderia ser interpretado como uma maneira do Tik Tok “tirar vantagem de sua posição”, como sugere a matéria, e essa afirmação está atrelada ao fato dos dados pertencerem à “empresa chinesa Bytedance”, relacionando este “perigo” a um sentimento anti-China, pelos dados desses usuários pertencerem a esta nação, que é adversária comercial e econômica dos Estados Unidos. Isso fica ainda mais claro quando analisamos a maneira pela qual a matéria tenta justificar o “medo” da rede social, que explica a tentativa de proibição do uso pelo ex-presidente Donald Trump. Ela propõe duas causas para esse receio: o seu “enorme sucesso”, novamente fazendo uma alusão ao desconhecido, pelo fato das pessoas não entenderem de que forma o aplicativo, em junho de 2020, teve um aumento de 52,7% em relação ao mesmo período do ano anterior<sup>11</sup>. A segunda causa que a matéria propõe para esse medo, que reforça ainda mais o preconceito, é o fato do aplicativo ser de origem chinesa. A frase “o outro grande problema do Tik Tok está em uma só palavra: a China” é uma das maiores evidências de que este receio não se comprova pelo uso dos dados dos usuários, comum a qualquer rede social, mas sim pelo fato de estarem retidos por uma empresa chinesa, ameaçando a hegemonia estadunidense.

Não à toa, a palavra “dados” aparece na matéria duas vezes, e uma terceira vez qualificada como: “500 kilobytes de informação”, usando-os como justificativa de ameaça à segurança e privacidade dos usuários. No entanto, a própria matéria reforça que essa característica de utilização das informações cedidas pelos usuários é comum a todas as redes sociais digitais, inclusive as de origem estadunidense – Instagram e Facebook, por exemplo - como na frase “[500 kilobytes de informação] é muito, mas continua sendo comparável ao que fazem aplicativos que estão há anos em nossos celulares”, ou “todas as redes sociais vivem de tirar dados dos usuários”. Isso também é notável quando a matéria menciona o “leilão de anúncios”, referindo-se à abertura para marcas anunciarem seus produtos, por meio de conteúdos pagos, aos usuários da rede social, usando também suas informações para entenderem quais conteúdos têm maior

---

<sup>11</sup> Fonte: <https://canaltech.com.br/apps/tiktok-app-popular-mundo-junho-2020-veja-lista-completa-168214/>; acesso em 9 de junho de 2021

afinidade com esses indivíduos, para aumentar, assim, a probabilidade identificação e de compra desses produtos. Neste caso, a matéria também afirma que é uma característica comum a “outros aplicativos”.

Passando, por fim, para uma possível análise da formação ideológica para a qual esta matéria corrobora, nos chama atenção uma outra frase: “[...] o secretário de Estado dos EUA, Mike Pompeo, disse que sua proibição [do Tik Tok] estava sendo estudada e recomendava não baixá-lo, a não ser que o dono do dispositivo não se importe em que sua informação privada ‘acabe nas mãos do Partido Comunista da China.’”. Aqui observamos uma questão ideológica na recomendação de não baixar o aplicativo, referenciada pelo risco dos dados acabarem “nas mãos do Partido Comunista da China”. Portanto, podemos inferir que a preocupação do governo norte-americano não é de fato a segurança dos usuários de não terem seus dados retidos pelo Estado ou por alguma instituição privada, mas sim o destino dessa retenção: quem os possui. E a questão ideológica do comunismo chinês se dá, além de uma preocupação política norte-americana, também por um preconceito enraizado nos indivíduos ocidentais, o que agrava ainda mais esse pensamento abissal.

Podemos analisar no discurso desta tentativa de proibição do uso do aplicativo, que origina esse sentimento de “cautela” por parte dos usuários, a partir do que Boaventura de Souza Santos (2010. p. 46) chama de “fascismo contratual”. Ele ocorre quando as diferenças de poder, entre nações distintas, ou entre nação e cidadão, são evidenciadas por meio de leis, contratos e regras que partem do Estado para a sociedade civil. No caso da tentativa de proibição do Tik Tok, os indivíduos sofreriam, de certa forma, as consequências desse contrato proveniente do Estado, mas, na verdade, o que seria ainda mais agravada é o conflito simbólico contra o crescimento chinês, reforçando o estereótipo de que o que vem de lá é perigoso, diferente, distante, e “não se encaixa aqui”. É importante ressaltar que, para o autor, essa forma de fascismo é mais simbólica do que prática, ou seja, ele pode conviver com um regime democrático, como é o caso dos Estados Unidos.

Além disso, utilizando a relação de Pêcheux (1988) entre a formação discursiva e a ideologia, podemos refletir sobre o fato de que se não estivessem acontecendo todos esses desentendimentos políticos entre China e Estados Unidos, a matéria adquiriria um outro sentido, e poderia estar apenas questionando a segurança de dados, independente da origem da rede social que os retêm, uma vez que a própria matéria admite que plataformas como o Instagram e o Facebook também consomem esses mesmos dados. A diferença é que em nenhum momento o veículo utiliza palavras como “perigo” ou “polêmica” para se referir a elas, como faz com o Tik Tok.

Nesta análise, percebemos a maneira pela qual a matéria reflete, e corrobora para, a formação discursiva e ideológica de um pensamento abissal, que separa o Ocidente do Oriente, enraizado em um preconceito do cotidiano, evidenciando em sua construção elementos de distinção, presentes no imaginário que acoberta o cotidiano, e que fazem parte de uma troca simbólica e de mão dupla com as instituições – neste caso, a política e a midiática.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com este artigo, pudemos refletir sobre como a instituição midiática é capaz de reforçar estereótipos de distanciamento e preconceito em relação à China, utilizando o medo, sempre por razões comerciais e ideológicas, mas não embasando-o em provas concretas de risco à segurança ou mecanismos diferentes de redes sociais de origem norte-americana. Dessa forma, entendemos a maneira pela qual o pensamento abissal está presente na mentalidade e no imaginário dos indivíduos em suas vidas comuns, sendo retratado por um formato comunicacional bastante característico do cotidiano: a matéria jornalística.

O veículo de comunicação tem o papel de retratar os saberes presentes no imaginário de um dado contexto sociocultural, mas também colabora para a manutenção destes. Neste caso, a reverberação do sentimento anti-China é vantajosa para o Ocidente, por auxiliar a manter os Estados Unidos como uma hegemonia mundial, munindo-se dos privilégios econômicos, comerciais e, principalmente, simbólicos que

essa posição o cede. E pudemos analisar como o veículo de comunicação em questão apoia este sentimento, observando sua escolha de palavras para reportar a situação do Tik Tok, a maneira como as relaciona para produção de sentido, e o suporte à ideologia norte-americana.

A conclusão que aqui se chega, portanto, é que a preocupação com a segurança de dados é sim válida e genuína. Mas o que devemos ficar atentos é o que embasa essa preocupação, especialmente em um veículo midiático: é a segurança dos indivíduos-usuários, ou a segurança de manter uma hegemonia mundial nesta posição?

## REFERÊNCIAS

90

---

CHAGAS, Gabriela. O que está por trás das tensões entre os Estados Unidos da América e a China? Uma análise para além da guerra comercial. **NEBRICS**, 2020. Disponível em <[https://www.ufrgs.br/nebrics/o-que-esta-por-tras-das-tensoes-entre-os-estados-unidos-da-america-e-a-china-uma-analise-para-alem-da-guerra-comercial/#\\_ftn8](https://www.ufrgs.br/nebrics/o-que-esta-por-tras-das-tensoes-entre-os-estados-unidos-da-america-e-a-china-uma-analise-para-alem-da-guerra-comercial/#_ftn8)> Acesso em 6 de junho de 2021.

GOMES, Mayra Rodrigues. As Materialidades e seus Discursos. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, ano 2019, v. 16, n. 10.18568, ed. 46, p. 271-290, maio/ago 2019.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 11º ed. São Paulo / Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru: EDUSC, 2001.

MORIN, Edgar. Da necessidade de um pensamento complexo In MARTINS, F. M.; SILVA, J. M. (orgs.). **Para navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura**. Porto Alegre: Sulina / Edipucrs, 2003.

MORIN, Edgar. Para a Ciência. In: MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, p. 15-36.

MOZOROV, Evgeny. **Big Tech: A Ascensão dos Dados e a Morte da Política.** 1. ed. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso:** princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Unicamp, 1995.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para Além do Pensamento Abissal:** Das Linhas Globais a uma Ecologia dos Saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (orgs). *Epistemologias do Sul.* Coimbra: Edições Almedina, 2010, p. 23-72.